



“Maninho, Deixa Eu Te Falar”:

O Valor Semiótico-Modelizante da Fala Expressiva Manauara¹

Ana Vitória de Aquino Silva NASCIMENTO²

Felipe VLAXIO³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Este texto tece uma breve análise da fala expressiva manauara a partir da semiótica da cultura. Trata-se de uma expansão das discussões fomentadas em trabalho de iniciação científica sobre modulações semióticas na cultura. Tem o objetivo de traçar um paralelo entre o texto e a cultura no corpo da fala expressiva. Para tanto, utiliza o valor semiótico-modelizante como padrão metodológico para inferências acerca de três expressões regionais usadas na cidade de Manaus. Resulta, a partir da análise, na compreensão de que a fala expressiva se compõe a partir da fuga à estrutura formal do texto, proporcionada pelo comportamento urbano e cidadão das subculturas. Espera-se, desta feita, lançar luz sobre o potencial modelizador que as gírias e expressões regionais agregam à cultura.

Palavras-chave: valor semiótico-modelizante; fala expressiva; cultura; Manaus.

Introdução

O presente artigo visa a uma breve reflexão sobre o potencial modelizador que o texto suscita à cultura por meio da fala expressiva, entendida em contraposição à fala genérica. Trata-se de uma expansão das discussões fomentadas em uma pesquisa de iniciação científica do Curso de Biblioteconomia da FIC-UFAM, que investiga as modulações semióticas ocorridas na cultura a partir de fenômenos específicos.

Pretende-se, portanto, utilizar como procedimento de análise o conceito de valor semiótico-modelizante, proposto neste trabalho como método analítico de gírias e expressões regionais, que, por sua vez, determinam-se como componentes legitimados do

¹ Trabalho apresentado no GT 4 Estudos Interdisciplinares da Comunicação na Amazônia do I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

² Estudante de Graduação do Curso de Biblioteconomia da FIC-UFAM, e-mail: anavaneline@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Biblioteconomia da FIC-UFAM, e-mail: felipevlaxio@ufam.edu.br.



comportamento dialógico de dado grupo de indivíduos. Neste intento, tecemos reflexões pontuais acerca do convívio urbano, com particular interesse na fala expressiva manauara, exposta aqui a partir de três expressões regionais usadas por habitantes da cidade de Manaus e repensadas pelo conceito supramencionado.

Um paralelo situacional entre texto e cultura

Para a semiótica da cultura, o texto transborda as fronteiras da linguagem escrita. Rompe-se para a fala, para o comportamento, para os constructos sociais, e isto ilustra apenas alguns dos fenômenos prescritivos de texto. Aqui, cabem as camadas e subcamadas da cultura, que operam em variantes da língua, mas principalmente das formas de criar, lidar e reagir ao mundo externo à nossa cultura, incorrendo na ultrapassagem dessas fronteiras da linguagem escrita.

Fosse todo texto um conjunto isolado de signos, teríamos uma aproximação epistemológica mais adequada à semiótica francesa, com particular respaldo nos ideais saussurianos e greimasianos. Todavia, migrando do estruturalismo para o pós-estruturalismo, a semiótica da cultura — conhecida também pela tutela de semiótica russa — estaria restrita a um espectro material da língua, isto é, dos textos poéticos, da fala registrada e da informação imbricada de comunicação.

Sobre estas perspectivas, Bystrina (2009) comenta que, ao fugir das convenções óbvias de um texto escrito ou falado, o texto da semiótica da cultura contempla uma dimensão pragmática da semiose, porém, reflete-se de modo escalonado em uma dimensão semântica. Esta dimensão, a bem da verdade, tece uma correlação entre o signo e o significado a partir de suas rupturas, em contrariedade a suas fronteiras.

Em outras palavras, o texto cultural marginaliza a si próprio com a finalidade de tratar da cultura em suas mais variadas tradutibilidades. Por conta deste fato, é possível analisar estas traduções com satisfação a partir da semiótica da cultura, e nesse arcabouço estão inclusas, por exemplo, as gírias, as expressões regionais, os trejeitos de fala, a



pronúncia não-padrão dos léxicos vernáculos, dentre outros aspectos que delineiam o corpo da expressividade de uma determinada comunidade.

Dessa forma, “nascem os textos como complexos significativos, com sentido; compostos de signos. Estes signos pertencem a linguagens que se compõem de diversos sistemas de signos” (BYSTRINA, 2009, p. 3), sistemas estes passíveis de interpolações estruturais acerca de sua manifestação cultural. Contudo, para o autor, “isso não basta. Existe ainda o universo do código, que é um sistema de regras, de vinculações entre os signos”. E estas regras, mesmo adotando um comportamento de fronteirização, ainda permitem perturbações nas camadas culturais, levando os agentes da fala a se tornarem conduítes da cultura pela simples caracterização de sua expressividade, identificada nos modos de fala expressiva.

Nesse sentido,

O conceito de “texto” é usado de forma polissêmica. Poderia ser feita uma coleção dos significados, às vezes muito diferentes uns dos outros, que os diferentes autores conferem a essa palavra. Porém, o que é significativo é outra coisa: hoje em dia “texto” é, indiscutivelmente, um dos termos mais usados nas ciências humanas. Em vários momentos, o desenvolvimento da ciência joga palavras como essa para a superfície; o aumento vertiginoso de sua frequência nos textos científicos é acompanhado pela perda da monossemia necessária. Em vez de designar um conceito científico de forma terminologicamente exata, o que eles fazem é apontar a atualidade de um problema, indicar um domínio no qual novas ideias científicas estão nascendo. A história de tais palavras poderia compor um índice peculiar da dinâmica científica (LOTMAN, 1996, p. 63, tradução nossa).

As postulações do semiótico russo dão conta de indicar uma metamorfose no texto partindo de sua científicização. Dentro deste cenário, o texto se coaduna com a ciência para expor novas traduções culturais em um determinado fenômeno. Para as reflexões deste trabalho, entretanto, devemos priorizar a característica textual da fala expressiva, em comparação à fala propriamente dita.

Com efeito, convém pontuar que existe uma diferença de abordagem entre a fala genérica — pautada nos argumentos estruturalistas supramencionados — e a fala expressiva. Esta última, em sentido conceitual, trata da fala que caracteriza o



comportamento dialógico em dada comunidade de falantes. Entram nesse conjunto as gírias e as expressões regionais, que se configuram como sistemas de signos de estigma, capazes de conectar a fala a um grupo de indivíduos específico.

Com base nessas orientações, Machado (2013, p. 85) acrescenta de modo claro que “[...] a cultura é compreendida como sistema de linguagens constituídas a partir do processo de modelização entre os diferentes sistemas de signos que, do ponto de vista de sua manifestação concreta, emerge sob forma de texto”. Desta feita, a fala expressiva de uma comunidade de falantes é concebida como potencializadora de cultura — ou subcultura, se observadas as fronteiras e as traduções —, de modo que possui o efeito de “modelizar” o comportamento dialógico desses indivíduos.

A semiótica russa apresenta, ainda, outro viés pelo qual podemos analisar o potencial do texto. Isto ocorre levando em consideração as modulações semióticas, que cedem margem para uma compreensão de metamorfose. Concernente a esta questão, Posner (1995) atribui às modulações semióticas uma parcela de rupturas culturais, por meio das quais os textos podem ressignificar a estrutura do padrão cultural ao dimensionar novas tradutibilidades nos comportamentos humanos e sociais. Nesta configuração, a fala expressiva incorpora novas silhuetas de cultura, distanciando-se da formalidade e construindo embasamento na coloquialidade da fala, rompendo as próprias regras do texto para transformar-se em novos textos culturais.

Acerca disto, Lotman (2005, p. 5, tradução nossa) declara que “há uma diferença quando o texto é criado de acordo com regras formadas antecipadamente e quando o texto é criado de acordo com regras que ainda não existem”. Além disso, o autor completa enfatizado que estas regras são “criadas de acordo com o texto. Para ser mais preciso, [...] as regras são criadas *post factum*, ou seja, os textos precedem as regras”. Tal assertiva é corroborada ao compreendermos que

A linguagem é um guia para a “realidade social”; é um guia simbólico para a cultura. A linguagem surge em nosso ambiente cultural, social e fisiológico e define a maneira como entendemos o mundo ao nosso redor. Qualquer palavra é um sinal com o qual as pessoas concordam para significar uma ideia, pensamento, objeto ou conceito particular. Qualquer novo fenômeno traz uma nova palavra,



que se torna obsoleta quando o fenômeno desaparece (RAZUVAJEVA, 2009, p. 302, tradução nossa).

Logo, convém inferir dois encaminhamentos. No primeiro deles, as palavras — especialmente as da fala expressiva — tomam uma forma única e significativa quando usadas por um grupo de indivíduos. No segundo encaminhamento, podemos concluir que a fala expressiva está ligada a fenômenos específicos, em geral, fenômenos temporais e contextuais, que, uma vez cessado o fenômeno, desbotam-se no comportamento dialógico da comunidade de falantes, ou, no mais das vezes, fazem nascer novos léxicos idiomáticos que passam a ser usados como um novo padrão de fala expressiva, moldando, no processo, as novas tradutibilidades da cultura.

O valor semiótico-modelizante

Na tentativa de criar um procedimento metodológico para a análise de exemplos de fala expressiva, propomos aqui um conceito adaptado dos sistemas modelizantes para a semiótica da cultura. Trata-se do conceito de “valor semiótico-modelizante”, que visa à formulação de bases para compreender o *modus operandi* da fala expressiva ao determinar sua característica como ruptura do texto na cultura.

Ocorre que “existe um princípio de estruturação que dá conta de como a informação se estrutura. Não se trata de uma simples percepção diante de uma casa ou de um objeto qualquer, mas de uma percepção de como esses objetos se organizam” (BYSTRINA, 2009, p. 7). Em síntese, o autor fomenta o entendimento de que a fala expressiva pode ser um texto “que se estrutura de tal forma que as estruturas se evidenciam como informação”, e que necessita “dizer alguma coisa sobre si próprio”.

Não apenas isto, mas este texto prescinde, de acordo com Machado (2013, p. 77), de uma “equação do raciocínio baseado na modelização [que] conduz a análise para o movimento de semiose que o próprio espaço da cultura configura e organiza”. Por esta ótica, cabe especular que a estrutura da fala expressiva assume um papel de modelização, isto é, de demarcação transfronteiriça no território da cultura.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



Nesse sentido, o valor semiótico-modelizante se manifesta como o potencial que a fala expressiva apresenta para influenciar a própria cultura — de modo ativo —, ao invés de ser apenas influenciada por ela — numa configuração passiva. Em outras palavras, propomos aqui que a fala expressiva usufrui do poder de modelização, caracterizando um determinado grupo de indivíduos a partir da criação de um padrão de fala aceito e compartilhado dentro da comunidade de falantes.

Exemplo disto se pode verificar nos jargões relativos às profissões. Muito mais do que o uso de termos técnicos, por exemplo, um programador de linguagem legível por máquina faz uso de expressões relacionadas ao seu trabalho para se comunicar com outros programadores. Isto cria uma dinâmica que estigmatiza um dado grupo de indivíduos com base em seu comportamento dialógico, podendo, inclusive, possibilitar o surgimento de uma subcultura integrada por profissionais da informática.

O mesmo fenômeno ocorre quando analisamos expressões regionais, que dinamizam o comportamento dos indivíduos de determinado lugar, cuja fala particular “expressa” uma característica cultural. Este fato se manifesta justamente por conta das modelizações ocasionadas pelo comportamento de fala, de modo que passa a se identificar um padrão de fala novo, paralelo à fala genérica da língua vernácula. Nesse viés, Lotman (1996, p. 52, tradução nossa) esclarece que a

[...] aspiração a uma modelagem exata leva à criação da metasemiótica: não os textos como tais, mas os modelos dos textos, os modelos dos modelos e assim sucessivamente [...]. Considerando que, desde a primeira posição, a contradição, a inconsistência estrutural, a conjunção de textos diversamente estruturados dentro dos limites de uma única formação textual e a falta de definição de significado são características acidentais e “não funcionais”, suprimíveis no meta-nível de modelagem do texto, o texto, a partir da segunda posição, são objeto de atenção especial.

Destas observâncias pontuais podemos concluir que o valor semiótico-modelizante do texto se sucede partindo da inconsistência estrutural propiciada pela fala expressiva. Isto é, enquanto rompe as fronteiras do formal, a fala expressiva ao mesmo tempo traduz novas alternativas para o aspecto cultural de um grupo de indivíduos. Assim, modeliza-



se em estratos metassemióticos, que destoam dos signos sistêmicos ao distanciarem-se da funcionalidade estrutural. Ora, neste caso, as gírias e expressões regionais comunicam por meio de uma informação residual, extraída do lastro da fala genérica que serve, esta sim, para a comunicação formal.

Isto porque, para a semiótica da cultura, o que vale “é a compreensão do processo modelizante em sistemas de signos, sobretudo do ponto de vista dos textos da cultura” (MACHADO, 2013, p. 78) dentro de um universo em que várias culturas podem ser comparadas. Para a autora, “o que se propõe aqui é o entendimento da condição estrutural que se configura não apenas como organização mas, sobretudo, como modelização, isto é, como expansão de sistemas de signos em interação”, evidenciados no comportamento dialógico de dada comunidade de falantes.

Convém compreender, portanto, que — na visão de Lotman (1979; 2009) — os sistemas modelizantes atuam por meio de um código extratemporal, inculcando na mensagem um desprendimento do tempo a fim de facilitar o surgimento de novos padrões. Estes padrões — ou seja, comportamentos modelizados — funcionam como instrumentos da língua para se sobrepor às estruturas formais do texto, permitindo, no processo modelizante, um ajuste da mensagem para os códigos extratemporais.

Adicionalmente, “ao explorar a força modelizante da linguagem, contudo, a cultura aponta para [...] uma outra concepção: aquela em que o texto é o precedente de toda linguagem (e não o contrário)” (MACHADO, 2013, p. 82). Esse texto, quando comparado em paralelo às imbricações da fala expressiva, torna-se extremamente maleável às modulações semiósicas pelas quais passa a comunidade de falantes.

Com este respeito, o valor semiótico-modelizante pode ser utilizado para traçar indícios determinantes de um grupo de indivíduos, fazendo uso da fala expressiva para mapear comportamentos culturais. Diante disso, a proposta que fazemos neste trabalho — do valor semiótico-modelizante como método de análise — adquire configurações empíricas para o estudo dos textos culturais, e se assenta, desta maneira, na possibilidade cartográfica de mapeamento da fala expressiva.



O papel da fala expressiva na (sub)cultura

Dentro de uma concepção da fala expressiva como fala marginalizada, ou pelo menos não aceita pelas estruturas formais da linguagem, o texto assume a silhueta de externalidade. A este entendimento integram-se principalmente as gírias e expressões regionais, que se encaminham por fora das tradições culturais, de modo a compor novas visualizações do comportamento cultural. Renegam, portanto, não apenas

os elementos pertencentes a diferentes tradições culturais históricas e étnicas, mas também os constantes diálogos intratextuais entre gêneros e arranjos estruturais de diferentes orientações, formam aquele jogo interno de recursos semióticos que, se manifestando com a maior clareza nos textos artísticos, resulta, na verdade, uma propriedade de todo texto complexo. É precisamente essa propriedade que torna o texto um gerador de significados, e não apenas um contêiner passivo de significados nele colocados de fora. Isso nos permite ver no texto uma formação que preenche a lacuna entre a consciência individual — um mecanismo semiótico gerador de sentido que se baseia na assimetria funcional dos grandes hemisférios cerebrais — e o dispositivo poliestrutural da cultura como inteligência coletiva (LOTMAN, 1996, p. 59, tradução nossa).

Em síntese, a estrutura que compõe a formalidade da linguagem se desbota no caráter da fala expressiva. Parte desta situação ocorre porque, no geral, a fala expressiva está intrinsecamente fecundada no comportamento de fala cidadão, identificado no convívio de periferias urbanas, guetos sociais e estrangeirismos importados de outras culturas de massa dominantes.

Por meio deste aspecto, é possível verificar na fala expressiva uma fragmentação da própria cultura, dividindo-a em uma cultura vigente — aquela em que impera a fala genérica do vernáculo — e uma subcultura — da qual se extraem as gírias. Com relação a isto, Razuvajeva (2009, p. 305, tradução nossa) pontua que, por consolidar-se em um conjunto de valores, comportamentos e conhecimento de linguagem, “a prática da gíria pode ser considerada um dos indicadores de participação em uma subcultura desviante”.

Fato similar se manifesta na composição, também desviante, das expressões regionais, que se distanciam do formal por conta particular do cidadão. Como consequência disto, “a cidade ocupa um lugar especial no sistema de símbolos elaborado



pela história da cultura” (LOTMAN, 2004, p. 1, tradução nossa) como forma de retraduzir as fronteiras do texto na fala expressiva, tal como se sucede nos jargões profissionais disseminados em um dado grupo de indivíduos.

Desta forma, “a gíria torna-se uma linguagem de uma comunidade subcultural e consiste em expressões usadas como uma espécie de linguagem em grupo por alguns falantes para se identificarem com outros falantes” (RAZUVAJEVA, 2009, p. 305, tradução nossa). A cultura, portanto, passa a ser permeada por proibições e prescrições que reformulam as rotinas da vida social. Estas proibições e prescrições, de acordo com Velho (2009, p. 250), “são programas de comportamento que permitem converter acontecimentos em conhecimento”. O autor complementa ainda enfatizando que “as informações da natureza e dos fenômenos históricos e ambientais vão inferindo consciência no grupo social”, migrando, portanto, de uma “não-cultura (informação não processada) em cultura (dados em sistemas com organização), [passando] a fazer parte da memória coletiva: um signo ganha um só significado para um dado grupo”.

Nesse espectro coletivo, existem alguns indicativos que permitem diferenciar a fala expressiva da fala genérica, e tais indicativos estão relacionados ao fator urbano da vida na cidade, com particular frequência por meio dos artefatos culturais agregados pela aderência às interações digitais. Estas interações dizem respeito, principalmente, ao uso de plataformas e mídias sociais hospedadas por aplicativos de mensagem instantânea, postagens e microblogs.

Para prospectar a fala expressiva, portanto, podemos assinalar três características elementares que a determinam fora da estrutura formal da linguagem, as quais seguem: a) presença no comportamento dialógico urbano; b) fuga às formalidades do texto convencional; e c) uso nas interações digitais de um dado grupo de indivíduos. Adiante, usaremos estas características para analisar exemplos de fala expressiva identificados na cidade de Manaus. Em paralelo, destacamos o aspecto artificial que o comportamento cidadão adquire a partir da negação das estruturas da linguagem. Nesse intento, Lotman (2004, p. 5, tradução nossa) acrescenta que



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



A cidade artificial ideal, encarnação da utopia racionalista, carecia de história, na medida em que o novo Estado significava a negação das estruturas que historicamente o haviam formado. Isso envolveu a construção da cidade em um novo local e, conseqüentemente, a destruição de todos os “velhos” que nela permaneceram.

Estes argumentos induzem a uma interpretação remodelada da noção de cidade, ou mesmo da noção de urbano, em que o comportamento citadino é diretamente afetado pela metamorfose da linguagem em suas fronteiras rompidas, e em sua extrapolação estrutural. Isto gera uma compreensão moderna do texto, dentro da qual “um texto opõe a linguagem assim como a expressão opõe o inexpressivo, o real ao ideal, o espacial e o finito ao extraespacial” (LOTMAN, 2003, p. 1, tradução nossa). Desse modo, embora não restrito, ainda segundo autor, “um texto é sempre um texto em um idioma específico. Isso significa que a linguagem sempre se manifesta antes do texto (não necessariamente em um sentido temporal, mas talvez em algum sentido ideal)”.

Em justaposição, essas concepções — moldadas na temporalidade e no contexto da fala expressiva — ocorrem especialmente no fenômeno das gírias e das expressões regionais. Configuram-se, afinal, como um fenômeno de linguagem multifacetado pela subcultura. Certamente, não podemos desconsiderar o fato de que se trata de um fenômeno possibilitado apenas na informalidade do texto, haja vista que seu léxico é constituído pela estigmatização de determinados discursos, com propósitos identificados no interior de uma subcultura específica, ou mesmo tribos, a exemplo dos *nerds*, dos *geeks*, dos góticos, dos mileniais, etc.

Além disso, conforme o entendimento de Razuvajeva (2009, p. 300, tradução nossa), cabe concluir que tanto as gírias quanto as expressões regionais, muito embora apresentem maior incidência entre pessoas mais jovens no meio urbano, “podem ser encontradas em uma linguagem de diferentes classes sociais, idade, gênero e grupos profissionais”, opondo-se, destarte, da linguagem literária e padrão, sendo considerada, no comportamento citadino, “parte da linguagem que expressa o sistema de ideias, significados e valores para diferenciação social”.



O caso da fala expressiva manauara

Originalmente oriunda de uma mistura das culturas portuguesa, nordestina e indígena, a fala expressiva manauara ocorre em seu próprio espectro cultural, produzindo significados únicos que estão especificamente relacionados aos seus aspectos geográficos, históricos e sociais. Faz uso de palavras específicas da fauna e flora local, das tradições herdadas culturalmente, e das situações cotidianas para criar um texto exterior às regras de proibições e prescrições normalizadas pela estrutura formal do texto.

Quanto a isto, Jianguo (2004 apud WANG, 2016, p. 643, tradução nossa) argumenta que “palavras populares são aquelas exitosas em competir com outras palavras e têm a habilidade de autotransmissão e autorreplicação”. Isto é, a fala expressiva manauara também é composta por palavras populares, comumente disseminadas nas conversas cotidianas, nas interações digitais e na comunicação local como um todo. Sob este viés — e para otimizarmos a visualização da análise —, elaboramos o quadro abaixo, por meio do qual categorizamos em quesitos de “atende” e “não atende” três expressões regionais da fala expressiva manauara.

Quadro 1 – Valor semiótico-modelizante da fala expressiva manauara

Fala expressiva manauara	CARACTERÍSTICAS ELEMENTARES		
	Presença no comportamento dialógico urbano	Fuga às formalidades do texto convencional	Uso nas interações digitais de um dado grupo de indivíduos
Telezé	Atende	Atende	Atende
Até o Tucupi	Atende	Atende	Atende
Leseira Baré	Atende	Atende	Atende

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Primeiramente, “Telezé” é uma contração da sentença interrogativa “tu é leso, é?”, que remonta à herança nordestina resgatada da época do apogeu no Ciclo da Borracha, quando houve uma grande migração de pessoas do nordeste para o estado do Amazonas. A despeito disto, convém ressaltar dois aspectos desta expressão que a destacam



claramente na fala expressiva manauara (e, neste caso, também amazônica): o uso comum da segunda pessoa no singular e a condensação de uma frase de quatro palavras em uma única palavra.

Diferente de outras capitais brasileiras, onde o pronome de tratamento “você” é utilizado mais corriqueiramente, em Manaus, o uso do “tu” é recorrente. Identifica-se forte influência cultural portuguesa que converge com a influência nordestina. Nesse sentido, Babilônia e Martins (2011, p. 53) colocam que o uso do “tu” em detrimento do “você” evidencia a “atitude do falante em relação aos valores sociais da comunidade”. Isso é trabalhado dentro da perspectiva de oposição de termos de poder e de solidariedade ou ainda de distanciamento e de proximidade. A contração da sentença interrogativa, por sua vez, se sucede especialmente na oralidade, que nesse caso pode ser diretamente relacionada com o cotidiano citadino do manauara, por meio do qual se realiza a redução da palavra e alteração dos fonemas sem haver perda de significado.

No caso da expressão “Até o tucupi”, existe a possibilidade de significar “[...] atingir o nível máximo de algo [...]” (GIVONI, 2020, online), estar cheio, mais do que satisfeito, exacerbado etc. Esta fala expressiva emprega o uso da palavra “tucupi”, de etimologia do tupi-guarani, e faz referência ao sumo amarelo que é extraído da raiz da mandioca. Percebe-se aqui uma das várias heranças tupis-guaranis que servem de base para a contravenção das estruturas textuais, rompendo as fronteiras de seu significado semântico para novas traduções no comportamento dialógico de seus falantes.

Por fim, tem-se a expressão “Leseira baré”, representativa de “algo sem importância” ou ainda “sem sentido” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2017). Essa fala expressiva imbrica-se na bagagem cultural da etimologia das duas palavras, e produz uma narrativa de identidade linguística. A palavra “leseira” advém da palavra “leso”, estabelecida na gíria “telezé”; a palavra “baré” computa referência ao povo indígena de mesmo nome. Quanto à narrativa, denota-se justamente a fusão de diferentes culturas, destoando da formalidade textual e, tal como as falas expressivas anteriores, rompendo as fronteiras do léxico vernacular para traduzir-se em novos códigos urbanos, cujo potencial para padronizar determinam seu valor semiótico-modelizante.



Todas as três gírias/expressões regionais atendem às características elementares de valor semiótico-modelizante. É possível identificar as falas expressivas no comportamento dialógico urbano a partir do cotidiano citadino. Além disso, as três também extrapolam a estrutura formal do texto convencional, desconsiderando o aspecto semântico de sua etimologia para ressignificar seu uso. Adicionalmente, todas elas são amplamente usadas nas interações digitais no grupo de indivíduos composto por falantes na cidade de Manaus.

Ao abordar a fala manauara por meio de um viés comunicacional, faz-se relevante frisar o caráter orgânico dessa angulação. O orgânico aqui é posto no sentido de um objeto permeado por mutabilidade e de autonomia agregada por meio do processo. Isto é, a fala se transforma de maneira natural, embora influenciada por determinados atores, eventos e fenômenos. Esta roupagem de influências internas e externas é exatamente o resultado das manifestações disruptivas da estrutura do texto, que, por meio de uma força concêntrica de modelização, acaba germinando novos padrões de fala expressiva, por sua vez aceitos e compartilhados nas subculturas nascidas destes fenômenos condicionantes.

Considerações finais

As reflexões pautadas neste texto apresentam uma concepção de ruptura para as fronteiras do texto no que concerne à formalidade de sua estrutura. Isto porque — dentro das elucubrações possibilitadas a partir da semiótica da cultura —, as tradutibilidades do texto tomam uma característica disruptiva quando consideramos as inconsistências da fala expressiva, de modo que o texto, então, passa a configurar-se como modelizador da cultura e não o inverso.

Essa perspectiva se estabelece especialmente com base no comportamento dialógico de um dado grupo de indivíduos em sua convivência urbana, na qual a cidade impera na formulação de novos códigos de fala que fogem à formalidade da linguagem. Assim, subculturas são identificadas como uma espécie de marginalização do texto formal, da fala genérica, das prescrições e proibições oriundas da estrutura. Isto se sucede



com bastante frequência em comunidades isoladas de falantes, que modulam suas características discursivas tanto para se comunicarem entre si, quanto para diferenciar-se de outras comunidades de falantes.

No caso da fala expressiva manauara não é diferente. Existem indícios de ruptura de fronteiras que determinam as gírias e expressões regionais da cidade como aderentes de um valor semiótico-modelizante. Isto significa, em livre interpretação, que a fala expressiva manauara é tanto capaz de moldar o comportamento de sua (sub)cultura, quanto de ser moldada por ela. Nessa dicotomia, nasce um processo que se renova tão logo novas gírias e expressões regionais passar a surgir em contextos extratemporais, modelizando o comportamento dialógico dos manauaras ao mesmo tempo em que se ressignifica por meio da cultura local.

REFERÊNCIAS

BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A. A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes tu/você na fala manauara. **Guavira Letras**, [s.l.], v. 1, n. 13, 2011. Disponível em: <http://marcacini.com.br/seer/index.php/guavira/article/view/184>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BYSTRINA, I. **Tópicos de semiótica da cultura**. São Paulo: Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC), 2009.

DICIONÁRIO INFORMAL. Leseira baré. **Dicionário Informal**, [s.l.], 2017. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/leseira%20bar%C3%A9/>. Acesso em: 13 nov. 2021.

GIVONI, C. Dicionário amazonês: com 351 anos, Manaus mantém tradição e “grelha” nas gírias populares. **Revista Cenarium**, Manaus, 24 out. 2020. Disponível em: <https://revistacenarium.com.br/com-351-anos-manaus-mantem-tradicao-e-grelha-nas-girias-populares/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

LOTMAN, I. **Culture and explosion**. Nova York: Mouton de Gruyter, 2009.

_____. **La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Madri: Ediciones Cátedra, 1996.

_____. Los mecanismos de los procesos dinámicos en la semiótica. **Entretextos**, Granada (Espanha), n. 5, maio 2005.



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



_____. Símbolos de Petersburgo y problemas de semiótica urbana. **Entretextos**, Granada (Espanha), n. 4, nov. 2004.

_____. Sobre el concepto contemporáneo de texto. **Entretextos**, Granada (Espanha), n. 2, nov. 2003.

_____. Valor modelizante de los conceptos de “fin” y “principio”. In: _____. **Semiótica de la cultura**. Madri: Ediciones Cátedra, 1979.

MACHADO, I. Método, modelização e semiótica como ciência humana. **Revista Estudos Semióticos**, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 77-87, dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/69536>. Acesso em: 12 nov. 2021.

RAZUVAJEVA, O. Slang in the Turkish language as a social, linguistic, and semiotic phenomenon. **Sos. Bil. D.**, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 299-316, jun. 2009. Disponível em: <https://doaj.org/article/c71a3763413e4051b47f5df05aa3c4a4>. Acesso em: 8 nov. 2021.

VELHO, A. P. M. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, set./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/estudosdecomunicacao/article/view/22315/0>. Acesso em: 10 nov. 2021.

WANG, Y. Study on campus slang from the perspective of semiotics. **Theory and Practice in Language Studies**, [s.l.], v. 6, n. 3, p. 642-647, mar. 2016. Disponível em: <http://www.academypublication.com/issues2/tpls/vol06/03/26.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.